

comum. Todos gozarão de idênticos favores e vantagens. Os maus elementos serão expulsos. A produção da colônia será, assim, drenada para os mercados de consumo, da mesma forma como seria a de uma grande e única propriedade, ressalvada, naturalmente, a participação equitativa e proporcional que a cada um couber segundo o seu trabalho. Por outro lado, os artigos de consumo interno da colônia, sejam de produção própria ou alheia, obedecerão a preços uniformes, que a cooperativa assegurará, a fim de evitar a especulação entre os colonos.

Como testemunho de que o plano de organização das Colônias Agrícolas Nacionais não é apenas uma miragem legal, foi creada pelo decreto n.º 6.882, de 19 de fevereiro p. passado, a Colônia Agrícola Nacional de Goiaz, em terras doadas à União pelo Govêrno do mesmo Estado.

Tem início, assim, em plena selva, no coração do Brasil, o primeiro passo em busca de integração das massas rurais num novo ciclo econômico, compatível com as exigências da nossa civilização.

Fato notavel e auspicioso é esta significativa demonstração dada pelo Govêrno Nacional de que, fiel aos seus altos designios, protege, indistintamente, os interesses de todos os brasileiros. Ao mesmo tempo que organiza as bases da indústria, fomentando a exploração do ferro, do carvão e do petróleo, intensifica o amparo à agricultura, seja indiretamente pela ampliação do crédito agrícola e financiamento das colheitas, seja diretamente indo ao encontro do homem do campo, levando-lhe os meios de se congregarem economicamente, a fim de que, em todos os quadrantes do nosso território, haja trabalho, entusiasmo e esperanças em beneficio da prosperidade do Brasil. (A. V.)

CAMPOS SALES

O Presidente Getúlio Vargas determinou que se comemorasse oficialmente, no dia 13 de fevereiro próximo findo, em todo o país, o centenário do nascimento do Presidente Manuel Ferraz de Campos Sales.

O Govêrno Nacional prestou, assim, justa homenagem ao grande estadista que, com o seu exemplo pessoal, demonstrou que as mais fecundas realizações do regime só podem ser atingidas quando, na Presidência da República, se encontra um administrador que, acima dos partidos políticos, governa com a máxima energia e intangível autoridade.

A "Revista do Serviço Público" não podia deixar de fazer um breve registo de acontecimento tão expressivo. Aliás, particularmente, cumprir-lhe-ia assinalá-lo, dada a circunstância de estar o nome de Campos Sales ligado aos primeiros atos de organização dos serviços administrativos do regime republicano.

si o estranho poder de uma forte personalidade não se manifestasse em dados momentos.

Tais vultos passam à posteridade como exemplos dignos de admiração. São os heróis que inspiram as gerações sucessivas; que perpetuam as virtudes de um povo e que fazem sobreviver as instituições.

A imitação desses modelos humanos, o estímulo que as suas belas atitudes oferecem e a lembrança permanente dos fatos importantes em que intervieram, formam o culto da tradição, sem o qual é impossível desenvolver-se o espírito da nacionalidade.

Dentre os grandes vultos que passaram pela suprema magistratura da Nação, o do Presidente Campos Sales é o que reúne um dos mais raros e harmoniosos conjuntos de qualidades individuais exigidas para aquele posto.

Toda a sua carreira política é uma sequência luminosa de atitudes nobres e coerentes. É quasi inacreditavel que um homem realize o seu ideal pela maneira como o fez o notavel estadista. Jamais transigiu com os princípios em que se inspirou. A sua conduta de homem público, num dos momentos mais agitados e decisivos da nossa vida republicana, revelou uma firmeza de con-

Ha homens excepcionais que se sobrepõem ao determinismo dos fatos históricos e imprimem a estes um rumo ou significação que não teriam

vicções que define um temperamento e uma energia varonil que enaltece uma raça.

Fundador de um regime, Campos Sales teve o privilégio de atravessar com a mesma coragem e inalterável dignidade as mais variadas fases da construção da República.

Durante 20 anos, desde o célebre manifesto de 1870, lutou ativamente na propaganda republicana.

Essa propaganda nem sempre se desenvolveu pacificamente. No ocaso do Império, falava-se em "repressão dessas idéias falsas e imprudentes" que exporiam o país "aos graves inconvenientes de instituições para que não estava preparado, que não se conformavam às suas condições e não podiam fazer a sua felicidade". Assim se exprimia ao Imperador o seu último Presidente do Conselho. Da propaganda aberta passava-se à conspiração. E o agitador Campos Sales, com a inabalável certeza da vitória, arrefecia o ardor dos debates no Parlamento e na praça pública para argumentar serenamente nas reuniões secretas em que doutrinava os militares para adesão decisiva ao triunfo da causa.

Implantada a República, renunciou ao cargo de Ministro da Justiça do Governo Provisório quando não pôde fazer a sua vontade prevalecer sobre o rumoroso caso do assalto à "Tribuna", que reputava uma violência praticada contra as garantias que devia assegurar.

Presidente da República, desdenhou das injunções partidárias. Não hesitou em enfrentar a impopularidade quando verificou que, sob a bandeira do partido, se abrigavam os interesses personalistas prejudiciais ao regime que defendia.

Na direção do Governo foi um chefe autoritário, preocupado com os mínimos detalhes da administração. Não cuidou do seu prestígio pessoal. Decepcionou os amigos que aspiravam obter do Estado vantagens ilícitas. Ele, que nos primeiros meses do Governo Provisório, como Ministro da Justiça, fôra o consolidador da ordem jurídica — pois fizera publicar imediatamente a lei de organização judiciária, o código penal, as leis civis e comerciais de necessidade imediata, e os decretos de organização administrativa, sendo, ainda, um dos mais ativos colaboradores do projeto de Constituição — como Presidente da República foi o restaurador da ordem financeira. O seu tino de administrador descortinou-lhe claramente a impossibilidade de concretizar o ideal republicano, sem que o

regime recém-implantado desse uma demonstração de vitalidade financeira.

O Tesouro Nacional fôra amparado durante o Império com recursos resultantes de empréstimos sucessivamente contraidos no estrangeiro. Essa situação tornava-se insustentável, pois o crédito do país, interna e externamente, achava-se seriamente abalado. Rui Barbosa — que, como um gigante, quando Ministro da Fazenda, tentara por todos os meios despertar, com uma política financeira audaciosa, a riqueza nacional, desfazendo a miragem do câmbio alto, sustentada pelas manobras artificiais de tesouraria, — não pudera impedir que o país sofresse a desvalorização vertiginosa da moeda e que, conseqüentemente, entrasse numa fase de angustiosa depressão econômica. As lutas civis, que Floriano Peixoto dominou com mão de ferro e sobre as quais Prudente de Moraes estendeu o manto da concórdia, estabeleceram uma trágica desordem e comprometeram profundamente as instituições. Era preciso economizar todas as forças e todo o dinheiro afim de se restabelecer a confiança no regime. Antes de assumir o Governo, Campos Sales empreendera uma viagem à Europa, que ficou célebre pelos notáveis sucessos obtidos para o prestígio do Brasil no campo internacional. O estadista percebeu que no início do seu quadriênio iria enfrentar um grave problema: a dificuldade iminente de pagar os juros e amortizações dos empréstimos externos. Negociou então com os banqueiros ingleses o primeiro "funding-loan". Esta operação consistia em fundir os juros correspondentes ao período de 1 de julho de 1898 a 30 de junho de 1901 de todos os empréstimos ingleses, inclusive alguns destinados a empreendimentos ferroviários, em uma única e nova espécie de empréstimo (funding-loan) a 5%. Os pagamentos dos fundos de amortização dos referidos empréstimos ficavam suspensos pelo prazo de 13 anos, isto é, reiniciar-se-iam em 1 de julho de 1911. O que competia, portanto, ao Presidente Campos Sales era pagar os juros de 5% sobre a importância do "funding-loan" e reiniciar em 1 de julho de 1901 o pagamento dos juros dos empréstimos ingleses. A amortização destes não seria objeto de preocupação do seu governo, pois como ficou dito, só iria reiniciar-se em julho de 1911.

Ficou assim o Presidente Campos Sales livre de um pesado encargo no seu quadriênio. Esta folga momentânea dar-lhe-ia o ensejo para

cuidar da salvação do organismo financeiro do país, combalido pelos excessos da imprevidência de 60 anos de Império e agravado pelas agitações dos primeiros anos de República. Um médico provinciano, o incomparável Joaquim Murinho, foi designado para assistir o Tesouro agonizante. O quadro era desolador. Murinho, em seu Relatório de 1900, revelou que as causas fundamentais da crise econômica e financeira, que o Brasil atravessava, residiam em três discordâncias fundamentais:

"a) na discordância entre a produção do café e seu consumo, determinando a redução do preço daquele gênero e, como consequência, o empobrecimento da lavoura do país;

b) na discordância entre a nossa riqueza anual em ouro, representada pelo valor da exportação e a massa do papel moeda inconvertível em circulação, produzindo redução do preço do papel, baixa do câmbio, empobrecimento da circulação nacional;

c) na discordância entre a receita e a despesa federal, produzindo "deficits" orçamentários, novas emissões, novos empréstimos e, como consequência, o descrédito no exterior.

Colocada neste terreno, a solução da questão econômico-financeira, entre nós, só se podia encontrar no restabelecimento da concordância daqueles elementos: reduzindo a produção do café e aumentando o seu consumo; reduzindo a massa do papel moeda e aumentando o valor da exportação, reduzindo a despesa pública e aumentando a receita. — operações todas estas duras, ásperas, irritantes, antipáticas e, às vezes mesmo, com aparência de crueldade, mas que o Governo executou com firmeza, calma e sinceridade, que só pode dar a consciência de estar bem servindo o país."

Esses trechos, extraídos do Relatório do Ministro da Fazenda, constituem um atestado eloquente do valor do Presidente Campos Sales. As medidas drásticas, necessárias ao reerguimento do Brasil, acarretaram-lhe naturalmente a antipatia, a impopularidade, a oposição e o ódio com que os inimigos da Pátria lhe martirizaram a existência. Sofreu heroicamente os mais violentos ataques. Mas, não esmoreceu. O câmbio, que caíra

de 27 para 7 no período de 1889 a 1898, subiu em 1899 para 7,7/16, em 1900 para 9 1/2, em 1901 para 11 3/8 e em 1902 para 12. Em lugar de emitir, incinerou papel moeda. Os saldos apareceram na execução dos orçamentos. A produção do café, como disse Murinho, "deixou-se reduzir por seleção natural, determinando-se, assim, a liquidação e a eliminação dos que não tinham condições de vida, ficando ela na mão dos mais fortes e dos mais bem organizados para a luta".

Os preços do produto, porém, subiram e a exportação aumentou. Os juros do "funding-loan" foram pagos. Os pagamentos dos juros dos empréstimos foram reiniciados. O Tesouro não tinha mais obrigações em circulação e, pelo contrário, dispunha de depósitos no Banco da República e em outros estabelecimentos. Os títulos da dívida pública obtinham uma alta apreciável no mercado. O quadro desolador que enfrentara no início do quadriênio apresentava afinal um aspecto promissor.

O crédito do país estava salvo. A idoneidade financeira da jovem República estava exuberantemente comprovada. O sucessor de Campos Sales recebia de suas mãos uma República organizada. Mas, o presidente que se retirava não encontrou à sua passagem os sinais reveladores de uma Nação agradecida. Ao contrário, encontrou as mais injuriosas manifestações de opróbrio.

Os ataques que sofrera, ao empreender a sua obra, provocaram-lhe a amarga confidência que, segundo Tobias Monteiro, um dia expressou nestas palavras: "na cadeira onde se assentava, o homem perdia a honra, a família e a vergonha, pois nada podia defender, na altura dos ultrajes, sem sacrificar princípios que devera acatar".

Campos Sales deixou a Presidência da República para recolher-se à sua propriedade rural. O intelectual, o revolucionário, o abolicionista, o parlamentar, o chefe de Estado, que conhecera todos os degraus da glória, mergulhara no ostracismo onde chegaria ao fim dos seus dias em completo esquecimento.

O único consólo que conhecera foi a satisfação de ter salvo a sua Pátria de um grave colapso, dando, assim, prova de que os mais puros ideais podem ser atingidos pela força do caráter, que não conhece sacrifícios nem atende às vãs ambições pessoais, quando os destinos da Nação reclamam um chefe autoritário. (A. V.)